



## **A TRAGÉDIA DA PANDEMIA DA COVID-19 PRESENTE NOS RELATÓRIOS DOS RESIDENTES**

*THE TRAGEDY OF THE COVID-19 PANDEMIC DESCRIBED IN REPORTS FROM RESIDENTS*

*LA TRAGEDIA DE LA PANDEMIA DEL COVID-19 PRESENTE EN LOS INFORMES DE LOS RESIDENTES*

58

**Paulo Sérgio Gomes Soares<sup>\*1</sup>, Ítalo Gonçalves Costa<sup>2</sup>, Elisângela de Oliveira Dantas<sup>3</sup>, Tayana Mota Veloso<sup>4</sup>, Vinícius Barreto e Melo<sup>5</sup>**

<sup>1</sup>Doutor em Educação, Professor no Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO/UFT) e no Curso de Licenciatura em Filosofia, Universidade Federal do Tocantins, Palmas-TO, Brasil.

<sup>2</sup>Graduando em Filosofia, Curso de Licenciatura em Filosofia, Universidade Federal do Tocantins, Palmas-TO, Brasil.

<sup>3</sup>Graduada em Filosofia (2022/UFT), Curso de Licenciatura em Filosofia Universidade Federal do Tocantins, Palmas-TO, Brasil.

<sup>4</sup>Graduanda em Filosofia, Curso de Licenciatura em Filosofia, Universidade Federal do Tocantins, Palmas-TO, Brasil.

<sup>5</sup>Graduando em Filosofia, Curso de Licenciatura em Filosofia, Universidade Federal do Tocantins, Palmas-TO, Brasil.

\* *Correspondência: Coordenação de Filosofia. Av. NS15, Quadra 109N, UFT, Sala 16, CEP 77001-090. Palmas-Tocantins. e-mail [psouares@uft.edu.br](mailto:psouares@uft.edu.br)*

Artigo recebido em 11/11/2022 aprovado em 03/03/2023 publicado em 31/08/2023

### **RESUMO**

Na edição do PRP 2020-2022, a comunidade escolar teve de se adaptar ao Ensino Remoto Emergencial e aprender com o “novo normal”. Na prática docente, os professores experimentaram metodologias alternativas com o uso das tecnologias e plataformas virtuais para atender às exigências impostas pela pandemia da Covid-19. A atuação dos residentes foi realizada no Colégio Estadual Girassol de Tempo Integral Rachel de Queiroz, no município de Palmas-TO, em meio à apreensão e à tristeza diante da tragédia da pandemia da Covid-19, sendo registrada nos relatórios mensais, parcial e final, como documentos que tanto mostram o processo de formação, quanto retratam diferentes aspectos da saúde mental dos residentes. Vimos a necessidade de refletir sobre essa realidade no presente artigo, como



forma de resguardar o momento histórico de incertezas e limitações no campo educacional. A pesquisa participante forneceu as bases para a observação participante e coleta de dados que compõem o cenário descritivo, abordando as dificuldades enfrentadas no processo de ensino e aprendizagem virtual e o contexto da necropolítica no combate à pandemia, como fatores que refletiram diretamente na saúde mental dos residentes e provocaram limitações na formação de professores para o Ensino de Filosofia.

**Palavras-chave:** Ensino de Filosofia; Programa Residência Pedagógica; Necropolítica.

#### ABSTRACT

*In this edition of the PRP 2020-2022 we had to adapt to Emergency Remote Teaching and learn from the “new normal”, as well as experiment with new teaching practices and methodologies that could meet the requirements imposed by the Covid-19 pandemic. The performance of the residents was carried out at Colégio Estadual Girassol de Tempo Integral Rachel de Queiroz, in the municipality of Palmas-TO, amid apprehension and sadness in the face of the tragedy of the Covid-19 pandemic, being recorded in the monthly, partial and final reports. as documents that both show the training process and portray different aspects of the residents' mental health. We saw the need to show this reality in this article, as a way of protecting the historical moment of uncertainties and limitations in the educational field. The Participant Research provided the basis for participant observation and data collection that make up the descriptive scenario, addressing the difficulties faced in the virtual teaching and learning process and the context of necropolitics in the fight against the pandemic, as factors that directly reflected on the mental health of the participants. residents and caused limitations in the training of teachers for the Teaching of Philosophy.*

**Keywords:** Teaching Philosophy; Pedagogical Residency Program; Necropolitics

#### RESUMEN

*En la edición del PRP 2020-2022 la comunidad escolar tuvo que adaptarse a la Enseñanza Remota de Emergencia y aprender de la “nueva normalidad”. En la práctica docente, los docentes experimentaron con metodologías alternativas utilizando tecnologías y plataformas virtuales para cumplir con los requerimientos impuestos por la pandemia del Covid-19. La actuación de los vecinos se realizó en el Colégio Estadual Girassol de Tempo Integral Rachel de Queiroz, en el municipio de Palmas-TO, en medio de aprensión y tristeza ante la tragedia de la pandemia de la Covid-19, siendo registrada en el mensual, informes parciales y finales, como documentos que muestran el proceso de formación y retratan diferentes aspectos de la salud mental de los residentes. Vimos la necesidad de reflexionar sobre esta realidad en este artículo, como una forma de resguardar el momento histórico de incertidumbres y limitaciones en el campo educativo. La Investigación Participante sirvió de base para la observación participante y la recolección de datos que componen el escenario descriptivo, abordando las dificultades enfrentadas en el proceso virtual de enseñanza y aprendizaje y el contexto de la necropolítica en la lucha contra la pandemia, como factores que se reflejaron directamente en el estado mental. salud de los participantes, residentes y ocasionó limitaciones en la formación de docentes para la Enseñanza de la Filosofía.*



*Descritores: Enseñanza de la Filosofía; Programa de Residencia Pedagógica; Necropolítica.*

## INTRODUÇÃO

Na Universidade Federal do Tocantins (UFT), o Programa Residência Pedagógica (PRP), cujos trabalhos tiveram início em novembro de 2020 e findaram em abril de 2022, proporcionou aos residentes do Curso de Licenciatura em Filosofia a possibilidade de ter um contato próximo com a realidade escolar para o aperfeiçoamento da prática docente, a partir do desenvolvimento de projetos, do acompanhamento da rotina escolar, das regências com aulas planejadas e orientadas por um(a) docente – preceptor(a) - na escola-campo etc. Portanto, trata-se de um programa que consolida a formação de professores ao viabilizar uma experiência profissional que enriquece sobremaneira o estágio, já que a prática docente se faz no chão da sala de aula mediante atividades pedagógicas intencionalmente dirigidas para a consecução dos fins da educação.

O contexto da pandemia da Covid-19, que permeou todas as atividades dessa edição do PRP, trouxe, porém, algumas perspectivas no que tange ao uso intensivo de tecnologias na educação, como apresentou limites intransponíveis para a condição humana no processo de ensino e aprendizagem. Este artigo tem por objetivo apresentar estes limites na atuação da prática docente, para expor de forma contextualizada a vivência dos residentes em meio à apreensão e à tristeza diante do inevitável e do constatável: todos estavam expostos à doença e tendo perdas irreparáveis de familiares, amigos e conhecidos. Diante desse quadro, vimos a necessidade de retratar essa realidade no presente artigo, como forma de registrar o momento histórico que a humanidade estava (e ainda está) passando ante a tragédia da pandemia da Covid-19.

Nessa edição do PRP, tivemos de nos adaptar ao Ensino Remoto Emergencial e aprender com o “novo normal”, bem como experimentar novas práticas docentes e metodologias que pudessem atender às demandas do processo de ensino e aprendizagem virtual. Vimos que foi um momento de experimentação importante para a formação de professores e que ficou registrado nos relatórios mensais, parcial e final, destacando os conteúdos, as experiências e as vivências, bem como as angústias e os diferentes aspectos da saúde mental dos residentes. Pode-se afirmar, assim, que os relatórios, como documentos, registraram o momento histórico da pandemia, bem como a formação profissional em um ambiente que, devido à crise sanitária, transformou o ato de educar presencial em processos mediados pelas tecnologias e plataformas virtuais.



Cabe-nos, diante do exposto, sintetizar algumas experiências com as descrições do que sentimos e vivenciamos para ressaltar as similitudes e as singularidades, pensando que cada escola deve ter passado pelas mesmas situações, mas cada qual com as suas especificidades.

Metodologicamente, pautamo-nos nos relatórios mensais, parcial e final para descrever as experiências e vivências, pois eles trazem, em grande medida, o momento de estranheza e prostração, sem deixar de mostrar o trabalho que foi feito com os estudantes do Ensino Médio. Nesse sentido, os relatórios, que trazem descrições orientadas pela observação participante, representam e expõem uma reflexão acerca da prática docente, no que diz respeito a uma autoavaliação dos procedimentos realizados pelos residentes no trabalho coletivo em meio à pandemia da Covid-19.

As observações foram realizadas em três turmas de Ensino Médio do Colégio Estadual Girassol de Tempo Integral Rachel de Queiroz, no município de Palmas-TO, para compor um cenário dividido em três seções neste artigo. A primeira seção expõe as dificuldades enfrentadas no processo de ensino e aprendizagem virtual. A segunda seção trata do contexto da necropolítica e do descaso no combate à pandemia da Covid-19 pelo Governo Federal.

A terceira seção faz uma síntese das observações dos residentes frente aos problemas desencadeados pela pandemia em termos de uma autoavaliação da saúde mental, considerando a pandemia como uma tragédia para a humanidade, em especial para a população brasileira, que vivenciou tudo jogada à própria sorte “pela falta de uma política sanitária e econômica que enfrentasse de forma fundamentada, planejada, responsável e célere o cenário de terra arrasada [...]” (CASTILHO; LEMOS, 2021, p. 271), mas, sobretudo, aponta a conjuntura como um fator limitante para a formação de professores, de maneira geral.

## OS LIMITES DA EDUCAÇÃO EM MEIO À PANDEMIA DA COVID-19

Durante o período de atuação na escola-campo, vimos que o uso das tecnologias da informação e comunicação (TDIC) foi necessário para que a educação não parasse e os estudantes ficassem sem aulas, ou seja, as tecnologias e as plataformas digitais se tornaram, de uma hora para a outra, as ferramentas educacionais capazes de responder à situação emergencial causada pela crise sanitária, de forma que se observou uma aceleração abrupta de um processo que poderia levar anos, até que as escolas tivessem condições estruturais para uso intensivo das tecnologias e os professores estivessem preparados para atuar conforme esta realidade.



Os professores da escola-campo, a despeito do contexto completamente desfavorável, responderam às circunstâncias e mostraram resiliência e resistência para que a escola não parasse, porém se depararam com a situação descortinada pela precarização da vida - histórica entre os estudantes das escolas públicas brasileiras -, a ausência quase total de recursos tecnológicos para acompanhar as aulas virtuais e a falta de conexão à *internet*. Dessa forma, constataram-se os motivos que fizeram com que as salas de aula virtuais estivessem esvaziadas e com pouca participação estudantil.

As aulas remotas apresentaram sérias limitações para o ensino e a aprendizagem e, mesmo se houvesse alta qualidade para funcionar, a ponto de se fazer o uso permanente das tecnologias da informação e da comunicação nas escolas, ainda se teria que resolver o problema da precarização da vida dos estudantes. Saviani, ao tratar da pandemia e seu impacto no funcionamento das escolas, explica como o ensino remoto funcionou, como uma exceção:

[...] por definição, o ensino remoto não pode se equivaler ao ensino presencial, sendo admitido apenas como exceção; e se diferencia da Educação à Distância porque também não preenche os requisitos definidos para essa modalidade. No entanto, mesmo para funcionar como substituto do ensino presencial certas condições precisam ser preenchidas [...] (SAVIANI, 2020, p. 5-6).

As necessidades da educação escolar se referem ao processo de socialização, ao desenvolvimento psicomotor, às questões de afetividade etc., que só podem ser trabalhadas mediante a presencialidade. O ensino remoto não supre essas necessidades e mesmo para substituir o ensino presencial precisaria preencher determinadas condições, como:

a) o acesso de todos os alunos ao ambiente virtual propiciado pela aparelhagem representada por computadores, celulares e similares; b) considerando que alunos e professores devam estar confinados nas suas residências, estas deverão estar todas equipadas com acesso à internet; c) é preciso que todos os estudantes preencham os requisitos mínimos para acompanharem, com proveito, o ensino remoto. Ou seja, é preciso que todos estejam não apenas alfabetizados em sentido estrito, mas também em sentido funcional e, mais do que isso, não sejam analfabetos digitais. (SAVIANI, 2020, p. 06).

Vimos que na escola-campo nenhuma dessas condições estavam sendo satisfeitas para a manutenção das aulas, ou seja, a imensa maioria dos estudantes não tinha acesso aos recursos tecnológicos e nem a conexão à *internet*, de forma que não acompanhavam com proveito as aulas e, da mesma forma, eles careciam de alfabetização digital. Enfim, observou-se uma exclusão pedagógica pela



exclusão digital. Não há dúvida acerca da importância dos recursos tecnológicos para a educação, mas devem ser consideradas as críticas quanto ao seu acesso restrito.

Conforme Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD TIC), realizada pelo IBGE (2019) e divulgada em 14 de abril de 2021, apenas 31,6% dos domicílios do Tocantins possuíam computador em casa, enquanto o celular está presente em 99,8% deles. Na escola-campo vimos que os poucos alunos que conseguiam acompanhar as aulas possuíam computador, embora a maioria acessasse com o celular e uso de dados móveis, ou seja, a falta de recursos se mostrou um impeditivo para que a educação acontecesse como um direito.

As condições socioeconômicas desfavoráveis e a ausência de estrutura nas escolas para fazer funcionar o ensino remoto provocaram o fracasso da educação durante a pandemia, mostrando a falta de investimento nas escolas e o descaso do poder público com a educação pública acessada pela população mais carente, pela classe trabalhadora.

## **A NECROPOLÍTICA DO GOVERNO FEDERAL E OS IMPACTOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Parece que a pandemia que assolava o mundo já estava sendo esperada, porém, vivenciar esse momento foi crucial para a compreensão dos limites humanos. Estar atuando na escola, nesse período, foi de grande valia para perceber a importância da profissão docente para vida dos estudantes.

Durante o período mais agudo da pandemia, os brasileiros conviveram com o negacionismo e o anticientificismo do Governo Federal, observando as atitudes autoritárias e fortes traços de necropolítica, caracterizando o horror da violência estatal contra a população mais vulnerável. Assim, a morte se espalhou pelo Brasil, numa explícita demonstração de prática necropolítica.

A necropolítica de Bolsonaro utiliza o Estado para subjugar qualquer possibilidade de vida ao poder da morte. Não se trata de ações desconexas, eventuais, pontuais ou excepcionais, trata-se, sim, de ações políticas que se transformaram em regra e não em exceção, que define quem importa e quem não tem importância, quem é essencial e quem é descartável. A opção pela violência e morte neste governo é incorporada aos processos institucionais, numa espécie de industrialização da morte, como a que estamos presenciando neste contexto da pandemia. (CASTILHO; LEMOS, 2021, p. 271).



Conceitualmente, o debate se pauta no significado da necropolítica, no sentido de determinar “quem pode viver e quem deve morrer”, conforme explicita o filósofo camaronês Achille Mbembe. Para esse autor, “a era do humanismo está terminando”, de forma que as desigualdades sempre continuarão a crescer, numa espécie de “guerra” exponencial do capitalismo neoliberal contra os mais pobres. No Brasil, com mais intensidade se vivencia o fim do humanismo pela ascensão da direita ultraneoliberal conservadora, anticientificista, negacionista, belicista, racista, sexista, homofóbica etc., cuja expressão maior vem do próprio presidente da República, com discursos de ódio contra qualquer oposição às suas formas de pensar. A necropolítica bolsonarista invadiu todos os espaços da vida e agudizou as condições históricas de exclusão social a que brasileiros e brasileiras sempre estiveram submetidos.

Nossas desigualdades carregadas historicamente para o presente produzem condições desiguais nas mais diferentes esferas da vida e influenciam nas possibilidades – de se contaminar e sobreviver ou de morrer em decorrência da doença, cada um à sua própria sorte em meio à desídia. A pandemia da Covid-19, no Brasil, mostrou as mazelas sociais e está atravessada pelas desigualdades de classe, gênero, raça/etnia e geração, com foco nas condições de vida e de trabalho que estruturam as relações sociais no modo de produção capitalista. (BURGINSKI; SOARES, 2021, p. 15).

Foi a classe trabalhadora a mais afetada pela pandemia e

teve seus efeitos potencializados pela política sanitária genocida imposta ao Brasil por Jair Bolsonaro. Como era de se esperar as categorias que não puderam parar de trabalhar presencialmente foram as que mais sofreram. [...] Entre os primeiros trimestres de 2020 e 2021, os desligamentos dos empregos celetistas por morte no Brasil cresceram 71,6%, passando de 13,2 mil para 22,6 mil. (CTB.ORG.BR).

Conforme dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), “o número de contratos de trabalho no setor de educação encerrados por motivo de morte cresceu 128% de janeiro a abril”, em 2021, em relação ao mesmo período do ano anterior, um total de 1.479 mortes por Covid-19.

Em 26/04/2021, foi divulgado na mídia que o Governo Federal vai enfrentar 23 acusações sobre o seu papel negligente durante a pandemia por uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI). Seguem as acusações para registro:

- 1 - O Governo foi negligente com processo de aquisição e desacreditou a eficácia da Coronavac (que atualmente se encontra no PNI [Programa Nacional de Imunização]);
- 2 - O Governo minimizou a gravidade da pandemia (negacionismo);



- 3-O Governo não incentivou a adoção de medidas restritivas;
- 4 - O Governo promoveu tratamento precoce sem evidências científicas comprovadas;
- 5 - O Governo retardou e negligenciou o enfrentamento à crise no Amazonas;
- 6 - O Governo não promoveu campanhas de prevenção à Covid;
- 7 - O Governo não coordenou o enfrentamento à pandemia em âmbito nacional;
- 8 - O Governo entregou a gestão do Ministério da Saúde, durante a crise, a gestores não especializados (militarização do MS); 9 - O Governo demorou a pagar o auxílio-emergencial;
- 10 - Ineficácia do PRONAMPE [programa de crédito];
- 11 - O Governo politizou a pandemia;
- 12 - O Governo falhou na implementação da testagem (deixou vencer os testes);
- 13 - Falta de insumos diversos (kit intubação);
- 14 - Atraso no repasse de recursos para os Estados destinados à habilitação de leitos de UTI;
- 15 - Genocídio de indígenas;
- 16 - O Governo atrasou na instalação do Comitê de Combate à Covid;
- 17 - O Governo não foi transparente e nem elaborou um Plano de Comunicação de enfrentamento à Covid;
- 18 - O Governo não cumpriu as auditorias do TCU durante a pandemia;
- 19-Brasil se tornou o epicentro da pandemia e ‘covidário’ de novas cepas pela inação do Governo;
- 20 – Gen. Pazuello, Gen. Braga Netto e diversos militares não apresentaram diretrizes estratégicas para o combate à Covid;
- 21 - O Presidente Bolsonaro pressionou Mandetta e Teich para obrigá-los a defender o uso da Hidroxicloroquina; 22 - O Governo Federal recusou 70 milhões de doses da vacina da Pfizer;
- 23 - O Governo Federal fabricou e disseminou *fake News* sobre a pandemia por intermédio do seu gabinete do ódio (G1, 2021)

Não é o propósito discutir essas acusações, mas lembrar que os brasileiros e brasileiras, os trabalhadores e trabalhadoras que pereceram durante a pandemia por descaso, omissão, negligência e desídia merecem respeito e que a justiça seja feita em nome de suas memórias.

## OS RELATÓRIOS DOS RESIDENTES E A TRAGÉDIA DA PANDEMIA DA COVID-19

Tendo como ponto de partida a análise dos relatórios referentes ao período de novembro de 2020 a abril de 2022 —, a presente seção volta-se para uma autoanálise da prática docente, mas com foco na





tragédia da pandemia da Covid-19, no sentido de registrar o humanamente possível, já que nada se compara a dor das perdas de entes queridos.

Os relatórios mensais, por exemplo, trazem os registros dos trabalhos semanais dos residentes, apresentando não somente o que foi desenvolvido na escola em determinado período, mas o esforço em manter o processo de ensino e aprendizagem funcionando em meio às contingências. Os relatos de observação, em diferentes momentos, apresentam a dinâmica escolar com os seus atores envolvidos nessa tragédia.

Foram analisados os conteúdos dos relatórios mensais, parcial e final de quatro residentes que atuaram no Colégio Estadual Girassol de Tempo Integral Rachel de Queiroz, com algumas reflexões singulares que trazem à tona uma amostragem dos sentimentos frente ao contexto pandêmico e como ele estava afetando a saúde mental das pessoas, de maneira geral, na escola. Essas reflexões são importantes para registrar como o processo de formação de professores pode ser marcado por fraturas e contingências do momento histórico.

A pandemia obrigou a suspender o contato físico, ou seja, impediu a socialização, que é fundamental para a educação nas escolas. As atividades pedagógicas, como aulas, planejamento das atividades, reuniões, Conselho de Classe etc. ocorreram por meio das plataformas virtuais e mediadas pela frieza tecnológica, em rostos que se escondiam atrás das telas de computador e celulares, com letras ou fotos, e com falas que alcançavam a todos ao mesmo tempo, sem que nem todos se vissem. O maior impacto, nesse ponto, foi nas salas de aula virtuais em que os professores e os estudantes pareciam desconectados da realidade e todos, em maior ou menor grau, pareciam abatidos pela situação pandêmica. Por trás desse abatimento e tristeza estava, além das perdas pessoais de cada um, a faceta mais perversa da morte estampada nos noticiários diariamente.

Durante a redação deste artigo, procuramos expor nossas angústias e algumas reflexões que consideramos importantes para a educação em meio às condições de saúde mental precárias, naquele momento histórico terrível com dezenas, centenas, milhares de pessoas falecendo todos os dias de Covid-19, muitas delas, conhecidas, amigos e parentes. Mesmo em face da maior mortandade, tivemos de continuar a trabalhar, estudar e realizar nossas atividades junto ao Programa Residência Pedagógica, observando também a prostração dos docentes diante da pouca participação dos estudantes, cuja tristeza também se expressava no silêncio, nas câmeras fechadas e nas telas frias dos computadores.

Parece que estávamos diante, também, da insignificância da vida, sendo notório o tom sombrio que transparece nos relatórios que escrevemos durante esse período, como em todos os textos acadêmicos que foram escritos para as disciplinas cursadas na universidade. A vida não parou e nem



deveria ter parado, mas o retrato da realidade era quase estático, como se tudo estivesse parando ou sendo forçado a não parar. Foi notório como o coronavírus (SarsCov-2/Covid-19) perturbou a nossa saúde mental, ameaçando-nos com a incerteza em relação ao futuro, com o luto dos que partiam vitimados pela doença e com a iminência da morte dos nossos próximos ou de nós mesmos.

No que tange aos residentes, na condição de jovens professores em formação:

[...] os tensionamentos econômicos, sociais, políticos e emocionais vivenciados pelos estudantes no contexto da pandemia da Covid-19, no Brasil, diante de um projeto intencional de negligência e genocídio da população mais vulnerável, repercutem diretamente na saúde mental desses jovens e na condição de permanência na vida acadêmica. Mas também, na própria resignação frente à sociabilidade capitalista neoliberal, através dos processos de patologização, privatização do sofrimento, medicalização e busca de adaptação ou correção disfuncional à vida como empreendimento de si. (ALBUQUERQUE et al, 2021, p. 60).

O excerto, muito pontual acerca do problema do sofrimento psíquico da juventude universitária, indica, também, o momento de perturbação e medo vividos no PRP. Adiante, apresentamos algumas reflexões prestimosas de quatro residentes:

“[...] minha experiência com o programa Residência Pedagógica tem sido algo pouco prazeroso. Eu entendo que o momento de crise sanitária mina um tanto a possibilidade de fazer bem alguns projetos junto ao RP, a qualidade do ensino e minha disposição para participar com avidéz das atividades tanto na UFT como no Colégio Rachel de Queiroz. Mas é surpreendente como a experiência em meio à pandemia é mortificante. Em função das crises que o Brasil está passando, dedicar-me inteiramente e com vigor à residência é um tormento. De fato, diariamente um abatimento tem me tomado por ter de estudar sobre a educação neste momento em que ela pouco acontece de forma digna. Creio que, assim, minha formação como professor também está sendo uma formação para a morte e além, apesar do risco iminente de me ver com ela. Mas há também sinais de um movimento do espírito em direção à superação dessa realidade mórbida. Daqui por diante, há que se aceitar a existência de uma vida possível em meio a tanta dureza, em que todas as desgraças e desventuras sofridas sejam superadas e modifiquem a nossa vida futura” (Relato do residente 1).

“O vírus é algo que não conseguimos visualizar. Ele mata e isso já nos deixa paralisados. Mas é impossível simplesmente parar e não seguir adiante. Com pandemia ou sem pandemia, o mundo está em modo contínuo de movimentação. Não há como simplesmente fechar as portas de casa e esperar que num belo dia tudo (de ruim) tenha passado, desaparecido, para que continuemos nossas vidas como antes” (relato da residente 2).



“Com agudeza, indica que o peso das crises sociais por quais estamos passando incidem sobremaneira sobre todos nós. Isto é algo tão grave que também veremos seu impacto na qualidade de nossa formação — somente possível de recuperar os danos pela mitigação dos tormentos causados pelas dificuldades que se apresentaram durante todo o processo, considerando que isso vai levar tempo. Um fator importante a ser observado é o crescente impacto que a somatória do isolamento, crise econômica, de saúde e política tem causado diretamente nos estudantes do Ensino Médio, nos professores e nos residentes. Relato muito por cima uma experiência particular de um sentimento crescente de angústia e crise. E isso muito como reflexo de um processo acerca dos danos que foram causados à vida pessoal de cada um e ao processo de formação de todos os envolvidos. Para tratar desses danos e seus efeitos nefastos, *a posteriori*, deve-se levar em conta as futuras tentativas de recuperar o que foi perdido” (Relato do residente 3).

“Há a necessidade de refletirmos sobre tudo o que aconteceu para avaliarmos os impactos que a pandemia da Covid-19 gerou em nós, tanto no que tange à qualidade de nosso processo de formação, quanto no que toca à pessoa humana inserida nesse processo” (Relatos da residente 4).

“No que diz respeito ao processo de formação de professores, como residentes e professores, sentimos que com todo esse isolamento social foi imprescindível um olhar de empatia e acolhimento aos estudantes do Ensino Médio, que possamos ser sensíveis à identificação não só com os prejuízos escolares, mas das possíveis situações de perda, da sua vida e de prejuízo à saúde mental. Sou mãe e perdi minha filha, que tinha 29 anos...” (Relato do residente 4).

Oh, pedaço de mim  
Oh, metade arrancada de mim  
Leva o vulto teu  
Que a saudade é o revés de um parto  
A saudade é arrumar o quarto  
Do filho que já morreu [...]  
(Chico Buarque: “Pedaço de mim”)

*Suedylla Oliveira Dantas da Silva*

*(In memorian)*

Professora no Centro de Educação Infantil (Cmei) Recanto Infantil

No que diz respeito à vida da pessoa humana, não há como mensurar ganhos diante de um contexto de perdas irreparáveis e da dor insuportável que não pode e nem vai ser esquecida.



## CONCLUSÃO

Os quatro relatórios analisados mostraram que os residentes perceberam a precariedade do processo de ensino e aprendizagem na escola-campo, bem como o fracasso do Ensino Remoto Emergencial por diferentes condições objetivas que não puderam ser satisfeitas para a sua implementação.

Durante o período mais agudo da pandemia, justamente o período em que o PRP aconteceu, vimos diversos artigos publicados que detalhavam a relação da educação pública com a pandemia, permitindo refletir que a União poderia ter investido em uma estrutura mínima para viabilizar as aulas remotas, mas não o fez. Constatou-se que uma parcela pequena dos estudantes frequentou as aulas, pois dispunha dos recursos mínimos para acompanhar as atividades remotas.

A situação de incerteza e tristeza estava estampada nas falas e foi registrada pelos residentes com as suas próprias impressões de impotência diante da situação e do futuro sem esperança, quando observado o contexto de “salve-se quem puder” da necropolítica adotada como política de Estado pelo Governo Federal. Contra tal modelo de política não há remédio, senão esperar que acabe logo e que luzes no fim do túnel possam ser vislumbradas como condição para a vida.

## AGRADECIMENTO

Agradecemos a gestão e coordenação da CEGTI Rachel de Queiroz, que aceitou receber os residentes e contribuir com a formação de professores de Filosofia, e, também, à CAPES, que investiu na formação professores e possibilitou a aproximação da vida acadêmica com o campo profissional.

---

Todos os autores declararam não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.

---

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Cynthia Studart et al. Juventude, Educação Superior e sofrimento psíquico: sintomas sociais de desalento no contexto pandêmico. In.: BURGINSKI, Vanda M.; SOARES, Paulo S. G. (Orgs.). **Direitos Humanos e direito a saúde: perspectivas críticas**. Palmas/TO: EDUFT, 2021.

BURGINSKI, Vanda M.; SOARES, Paulo S. G. Apresentação. In.: BURGINSKI, Vanda M.; SOARES, Paulo S. G. (Orgs.). **Direitos Humanos e direito a saúde: perspectivas críticas**. Palmas/TO: EDUFT, 2021.



CASTILHO, Daniela R.; LEMOS, Esther L. S. Necropolítica e governo Jair Bolsonaro: repercussões na seguridade social brasileira. **Revista Katálysis**. Florianópolis, v. 24, n°. 2, p. 269-279, maio/ago. 2021.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. IBGE, 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/pesquisa/10070/64506> Acesso em 25/04/2021.

MBEMBE, Achille. Entrevista: “a era do humanismo está terminando”. **Revista IHU Online**. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/564255-achille-mbembe-a-era-do-humanismo-esta-terminando> Acesso em: 20/04/2022.

SAVIANI, D. Crise estrutural, conjuntura nacional, coronavírus e educação: o desmonte da educação nacional. **Revista Exitus**. Santarém/PA. V. 10, n°. 1, p. 5-6, 2020.